

Diversidade de alunos: o caso da USP

Diversity of students: the USP's case

Ione ISHII¹

Myriam KRASILCHIK²

Renan Cerqueira LEITE³

Resumo

Abstract

A expansão do Ensino Superior foi acompanhada pelo aumento da evasão. Esta tem sido relacionada, principalmente, a características discentes predictoras; alterações curriculares poderiam reverter as taxas atuais. Nesse contexto, estudantes têm sido considerados como categoria única, homogeneizada pelo vestibular. Na Universidade de São Paulo, por exemplo, os estudantes são tratados por *alunos USP*. A fim de verificar os perfis de ingressantes dos cursos de Engenharia, Odontologia e Pedagogia, comparamos qualitativamente respostas ao questionário do Manual da FUVEST de 2007 a 2009. Os resultados indicaram perfis diversos que deveriam ser considerados em mudanças curriculares que visem a melhoria do Ensino Superior.

The expansion of Higher Education was followed by dropout increase. This was related, mostly, to predictors characteristics of students; curricular changes would revert the current rates. In this context, students have been considered as a unique category, homogenized by the selective process. At University of São Paulo, e.g., the students are treated by *USPs students*. In order to verify the profiles of freshmen in Engineer, Dentistry and Pedagogy, we compared qualitatively the answers to the questionnaire of *Manual da FUVEST* from 2007 to 2009. The results indicated several profiles which would be essential in the curricular changes in Higher Education.

Palavras-chave: Perfil de Estudantes de Graduação. Ensino Superior. Mudanças Curriculares.

Keywords: Undergraduate Profile. Higher Education. Curriculum Change.

1 Mestre em Educação, área de concentração Ensino de Ciências e Matemática, Doutoranda do programa de pós-graduação da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. Professora da rede estadual de ensino de São Paulo. Endereço residencial: Rua Roque Petrella, 640. Vila Cordeiro, São Paulo. CEP: 04581-051. Tel.: (11) 5096-2240. Email: <ioneishii@usp.br>.

2 Professora emérita da Faculdade de Educação da USP. Professora Doutora da Faculdade de Educação da USP. Tel.: (11) 3865-6424. Email: <mkrasilc@usp.br>.

3 Bacharel em Estatística (IME-USP) e Especialista em Gestão Estratégica de Negócios (FIAP). Informações Profissionais: Estatístico da Fuvest. Endereço institucional: Tel.: (11) 99781-7345. Email: <renan@fuvest.br>.

Introdução

O Ensino Superior tem papel decisivo no desenvolvimento de nações, principalmente no que diz respeito à diminuição das desigualdades econômicas e sociais. No Brasil, a ampliação do acesso a esse nível de ensino, observada desde a década de 1990, culminando na segunda metade dos anos 2000, gerou expectativas para a produção, a economia e para o desenvolvimento social, e evidenciou questões que indicam a necessidade de se (re)pensar suas práticas.

Em todo o mundo, a expansão do Ensino Superior é acompanhada de debates e reflexões sobre sua qualidade e a do profissional formado, sobre as oportunidades oferecidas pelo mercado de trabalho e o retorno financeiro *versus* o investimento para a graduação. Nesse sentido, o crescimento do Ensino Superior não acompanhou, necessariamente, a manutenção da qualidade e de oportunidades, tanto em instituições de ensino público ou privado. Dentre os problemas apontados por diversos estudos, no Brasil e no exterior, está a evasão que já foi associada à precariedade da formação anterior dos estudantes, à inadequação do sistema de seleção de estudantes, a questões curriculares (McKENZIE; SCHWEITZER, 2001), falta de conhecimento sobre a carreira, problemas financeiros e familiares, pouca perspectiva profissional (SAMPAIO et al., 2011), pouca integração entre o ambiente acadêmico e o social (TINTO, 2006). Estudos relacionados à evasão têm sido realizados em diferentes tipos de Instituições de Ensino Superior, países e cursos. Não há consenso sobre o tema.

Os EUA, que vivenciam as consequências da massificação desde a década de 1950, têm mostrado preocupação com as diferenças culturais dos ingressantes e sua possível desvantagem no mundo acadêmico, com possibilidades de evasão. Isso desencadeou uma série de estudos que visavam a manutenção dessa população nos bancos universitários. Até os anos de 1970, prevaleceu nos EUA a concepção de que a permanência e a evasão eram reflexos de atributos individuais, habilidades e motivações pessoais – falhavam os estudantes, não as instituições (TINTO, 2006). A fim de promover maior integração desses estudantes, foram realizados seminários de primeiro ano, que constituíam alguns dos dispositivos educacionais mais utilizados nos EUA, projetados para os alunos ingressantes. Estes seminários privilegiavam a informação, a orientação e o apoio acadêmico, através de tutorias e instrução complementar. Em outras palavras, consistiam de atividades extras, além das disciplinas regulares, que não mudavam a experiência acadêmica cotidiana.

Outros estudos também sugerem que há fatores preditores determinantes da evasão e do baixo rendimento acadêmico. Esses fatores podem ser o nível socioeconômico, o gênero, a idade, o estado civil, a formação dos pais. Ezcurra

(2009), por exemplo, destaca que as mudanças no perfil socioeconômico e cultural do corpo discente do Ensino Superior da América Latina, dado principalmente pelo maior acesso das classes sociais desfavorecidas a este nível de ensino, têm relação com as taxas de abandono, evasão e atraso.

Sampaio et al. (2011) concluem que, sendo os fatores mencionados acima preditores da trajetória acadêmica, estudantes de famílias mais ricas são beneficiados pelo sistema estrutural dos cursos de graduação da UFPE (Universidade Federal de Pernambuco), visto que, mesmo ocorrendo a evasão, estes alunos têm a possibilidade de investir tempo e recursos em nova carreira. Para os mesmos autores, estudantes menos favorecidos optam por continuar o curso ou desistem de estudar, pois não possuem condições de investir novamente em outra carreira.

A evasão, sendo um dos principais indicadores do descompasso entre os interesses dos estudantes e as propostas das Instituições de Ensino Superior, parece estar relacionada a características pessoais, sociais e de formação dos estudantes que não se adequam às demandas das instituições. Sugere-se, inclusive, que no processo de seleção de estudantes as notas de corte ou as exigências mínimas de formação sejam elevadas a certos patamares, de modo a selecionar aqueles realmente interessados e adequados à instituição e ao nível de ensino (McKENZIE; SCHWEITZER, 2001). Mesmo que esta seja uma opção válida para determinadas carreiras e instituições, cuja especificidade e qualidade atraiam estudantes com excelente formação para enfrentar os desafios destes ambientes acadêmicos, não deve ser considerada para a grande massa de estudantes ingressantes.

A diversidade dessa população estudantil tende a aumentar com os incentivos e apoios ofertados pelos governos e pelas próprias Instituições de Ensino Superior (IES). Estas, no entanto, carecem de recursos humanos e tecnológicos para atender essa população, e tendem a utilizar recursos didáticos já conhecidos e bem sucedidos no passado – o que pode reforçar a inadequação dos estudantes a estes espaços de aprendizagem, excluindo-os da possibilidade de novas perspectivas acadêmicas, profissionais e financeiras.

Os estudos considerados para este trabalho sugerem a necessidade de rever currículos e estruturas dos cursos de graduação, como a flexibilização dos currículos e das carreiras (TINTO, 2006). Além dessas mudanças, identificar características dos estudantes ingressantes nos diferentes cursos de graduação pode contribuir para novas organizações curriculares e usos de estratégias de ensino que contemplem as necessidades de aprendizagem desses estudantes. Uma forma de conhecer os estudantes e suas necessidades são os questionários aplicados nas inscrições dos vestibulares ou processos seletivos. Os dados obtidos revelam suas condições socioeconômicas e a formação escolar, podendo indicar perfis característicos de diferentes cursos.

A diversidade da população estudantil

Como visto anteriormente, a ampliação do acesso ao Ensino Superior, que passou a atender uma população mais diversificada econômica, social e culturalmente, trouxe à tona importantes questões de ensino e aprendizagem, antes minimizadas pela suposta homogeneidade do corpo discente. Os estudantes universitários sempre foram tratados como um grupo único, homogêneo, resultante do processo de passagem pelo vestibular (SETTON, 1999).

No entanto, a diversidade estudantil é anterior aos incentivos de programas governamentais, como, por exemplo, o Prouni (Programa Universidade para Todos), Sisu (Sistema de Seleção Unificada), Reuni (Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais), entre outros. A atratividade das diferentes carreiras já resultava em diferentes perfis estudantis, que variavam por diversos fatores: contexto econômico, perspectivas profissionais, conhecimento da carreira, conhecimento da atividade profissional. Assim sendo, carreiras mais e menos concorridas selecionam estudantes com diferentes bagagens culturais, econômicas e sociais. A compreensão do perfil de estudantes ingressantes e a forma como as universidades conseguem (ou não) acolhê-los em sua dinâmica está presente em alguns trabalhos.

Em 1996, Bernardo et al. apresentam um estudo sobre o ensino noturno na UNESP (Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho), a fim de fornecer dados que possibilitassem aprimorar os cursos oferecidos no período noturno. Verificou-se que: (a) cursos socialmente valorizados (Direito, Psicologia, Jornalismo, Relações Públicas, Processamento de Dados) apresentam relação candidato/vaga no noturno mais elevado, em que os matriculados são provenientes de diferentes regiões do estado. Nos cursos de licenciatura, oferecidos no noturno, os candidatos são provenientes da região sede do curso; (b) quanto maior a relação candidato/vaga, melhor é a bagagem intelectual dos alunos matriculados (medido pelos estudos em instituições particulares e frequência a cursinhos pré-vestibulares), e são maiores as médias no vestibular e nas provas de conhecimentos específicos; (c) os alunos de um mesmo curso, das turmas do diurno e noturno, não apresentam diferenças acentuadas quanto ao desempenho. As licenciaturas apresentam, de modo geral, tempos médios de integralização curricular superiores ao tempo mínimo estabelecido, elevados índices de evasão, elevado número de matrículas canceladas e suspensas em ambos os turnos; (d) os melhores resultados, com relação ao desempenho dos alunos no curso de graduação, verificam-se naqueles que formam profissionais mais valorizados socialmente, independentemente de serem oferecidos no diurno ou noturno. A partir dos dados obtidos e de depoimentos de

professores e alunos acerca dos cursos analisados, os autores apontam a necessidade de pensar num projeto pedagógico que considere o que é próprio dos estudantes do noturno, dos docentes e da própria estrutura universitária.

Outros estudos, como de Braga et al. (1997), sobre a evasão no curso de Química da UFMG (Universidade Federal de Minas Gerais), apontam para a compreensão dos conflitos entre as expectativas dos estudantes e a vida universitária. Nesse trabalho, a evasão foi considerada sob três aspectos: (a) reopção, quando o estudante presta novo vestibular e muda a opção de curso; (b) transferência, quando o estudante continua o curso de Química em outra instituição; e (c) desistência, onde o estudante deixa de frequentar o curso. Os autores verificaram que as taxas de evasão no nível superior não estão relacionadas ao despreparo ou desinteresse dos estudantes. Analisando as características socioeconômicas, observaram que a formação do aluno (seja na escola pública ou particular) e o nível de instrução dos pais não tem relação com a taxa de evasão no curso de Química. O perfil do estudante, de modo geral, é feminino, sendo a repetência maior entre os desistentes, e dentre os desistentes, mais de 30% são alunos com bom desempenho acadêmico, sendo o tempo de permanência médio de três anos. Os autores, ainda, atribuem as causas da evasão a características endógenas e exógenas ao curso de Química. Nesse sentido, a baixa concorrência no vestibular acaba propiciando uma escolha inadequada da carreira, o que os autores consideraram como um fator exógeno. Para diminuir a taxa de evasão, apresentam soluções, como: mudanças na recepção dos alunos, redução do número de alunos por turmas, revisão dos programas de Cálculo e Geometria, maior homogeneidade das turmas, horários dos cursos voltados para o ensino – já que muitos privilegiam os horários dos professores, e atribuir aos professores mais dedicados, experientes e interessados os primeiros anos do curso de graduação. Além disso, é necessário pensar na reforma curricular, incentivando os estudantes a participar de programas de iniciação científica, além da redução dos conteúdos de Matemática.

A Universidade de São Paulo: um estudo de caso

Mesmo a Universidade de São Paulo (USP), destacada nos últimos *rankings* como a melhor universidade da América Latina e de impacto internacional, é tratada como uma instituição homogênea. É comum os meios de comunicação, as instituições educacionais e a própria Universidade tratarem de várias questões do ângulo do *aluno USP*, desconsiderando os diversos fatores que influem na seleção dos estudantes que pretendem frequentar os vários cursos da instituição.

Schwartzman e Castro (1992), em estudo pelo NUPES (Núcleo de Pesquisas sobre o Ensino Superior – Universidade de São Paulo), acompanharam a trajetória acadêmica e profissional de estudantes da graduação. Consideraram

que as características socioeconômicas prévias dos estudantes, associadas às características dos cursos e profissões, podem determinar a escolha de carreiras; e estas, conforme as condições e estratégias pessoais, podem determinar o desempenho acadêmico e a rentabilidade profissional. Na época, pouco se sabia sobre as possíveis correlações entre as diferentes características dos estudantes (como, por exemplo, trabalho simultâneo ao estudo, estado civil, entre outros) e o desempenho dos estudantes na graduação.

Setton (1999), entendendo que a USP apresenta uma classificação velada dos cursos de Ciências Humanas, propôs uma investigação a partir das origens sociais e das diferenças entre os recursos sociais e culturais dos alunos universitários. Segundo a autora, existe uma correspondência entre as diferenças de recursos dos alunos e a procura por determinados cursos e carreiras, como sugerem os resultados obtidos em nosso trabalho. A autora classifica os cursos como seletos, intermediários e populares. Os cursos seletos são aqueles que apresentam altas concentrações de recursos econômicos, sociais e culturais; os cursos populares apresentam baixas concentrações desses três indicadores, enquanto que os intermediários apresentam variações dos indicadores. Segundo a autora, há um falso conceito de elitização do Ensino Superior. Neste mesmo sentido, Schwartzman e Castro (1992) classificaram as carreiras da Universidade entre aquelas voltadas para a profissionalização e para a pesquisa ou ensino. Os cursos de Direito, Engenharia e Medicina, por exemplo, eram e são carreiras voltadas para profissionalização e que apresentam maior demanda e alta seletividade; enquanto que carreiras como a Matemática e a Física, destinadas à pesquisa ou ensino, apresentavam alta demanda e alta seletividade. Dentre os cursos com baixa demanda e baixa seletividade estão as carreiras da Educação, Enfermagem, Saúde Pública (voltadas à profissionalização); e a carreira de Ciências Sociais (caracterizada como carreira de pesquisa ou ensino).

Almeida (2009) entrevistou 17 alunos da USP, que apresentavam formação cultural (capital escolar, desde o tipo de escola que frequentou – pública ou particular, até o domínio de línguas estrangeiras) e perfil socioeconômico menos favorecidos, de acordo com os dados obtidos pelos questionários aplicados pela FUVEST (Fundação Universitária para o Vestibular). Esses estudantes, que no momento da pesquisa estavam no terceiro ano do curso de graduação, pertenciam aos cursos de Letras, Geografia, Ciências Contábeis, Licenciatura em Física e História. Segundo o autor, a Universidade não tem a mesma representação para todos, ou seja, jovens *favorecidos* parecem usufruir mais intensamente os equipamentos oferecidos pela Universidade, como: cursos extracurriculares, visita a museus e exposições, participação em encontros, colóquios, entre outros. O tempo

é a principal dimensão que diferencia os estudantes mais e menos favorecidos cultural e economicamente. Os estudantes em *desvantagem* chegam mais velhos ao Ensino Superior, precisam trabalhar e demoram mais tempo para compreender as dinâmicas na Universidade.

De acordo com as entrevistas realizadas pelo autor, fica evidente que há alunos que *passam* pela USP, percorrendo um caminho de fracassos e estranhezas, além do sentimento de inadequação. Para Almeida (2009, p. 9), os “[...] cursos estão organizados para receber o aluno idealizado”, “[...] para aqueles que não precisam trabalhar” e, por isso, sugere que é preciso pensar no currículo de forma ativa, de modo a garantir que a Universidade consiga, de alguma forma, romper com as desigualdades. Na introdução do livro, a professora Ana Maria Fonseca de Almeida, da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), destaca que a universidade foi “[...] pensada para oferecer mecanismos para a produção da desigualdade a partir da igualdade de oportunidades, a ideia de igualdade de tratamento que sustenta o trabalho pedagógico é justamente o que impede que a igualdade de oportunidades tenha lugar” (ALMEIDA, 2009, p. 10).

Corrêa et al. (2011), ao estudarem o perfil de estudantes ingressantes de 2006 no curso de Licenciatura em Enfermagem da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto – USP, apresentaram conclusões semelhantes em relação à necessidade de conhecer as características dos alunos. Os autores destacam que a busca de estratégias potencializadoras da aprendizagem deve considerar que o estudante não é mero receptor do conhecimento. A diversidade etária, de procedência e de anos de término do Ensino Médio, podem ser trabalhadas em prol da aprendizagem, à medida em que valores, experiências e percepções dos alunos puderem ser expressas, conhecidas e, principalmente, respeitadas entre eles.

A dedicação exigida pelos alunos e, também, pela instituição, é observada por Krasilchik (2009) como promotora de buscas por formas de facilitar e melhorar o trabalho docente no nível superior. Para a autora, é fato óbvio a necessidade de conhecer os alunos. As diferenças entre os alunos que ingressam precisam de atenção dos responsáveis pela estruturação dos currículos, das grades curriculares. Em entrevistas informais, alunos indicam que trancam matrículas para dar conta da demanda dos cursos. É necessário repensar a Universidade. Em suas palavras:

A necessidade de construir caminhos e pontes entre as várias áreas obriga a revisão de currículos e programas, criação de novas disciplinas exigindo informações que desafiam e provocam rupturas de tradições instaladas há muito tempo. (KRASILCHIK, 2009, p. 151).

Dados sobre as características dos alunos USP

A fim de conhecermos o perfil dos estudantes ingressantes na Universidade de São Paulo, optamos por análise qualitativa documental. Os alunos chamados para a primeira matrícula, em todas as carreiras, preenchem um Questionário de Avaliação Socioeconômica com 18 questões, informando sobre seu percurso escolar, instrução e situação profissional do pai e da mãe, renda familiar e dados pessoais do estudante. Este questionário é entregue no momento da inscrição para o vestibular.

Com o apoio da FUVEST, decidiu-se examinar informações dos aprovados em cursos que funcionam na capital e no interior, nas diferentes áreas do conhecimento: Biológicas, representada pela Odontologia de São Paulo (integral e noturno), de Bauru e de Ribeirão Preto; Humanas, representada pelo curso de Pedagogia de São Paulo (cursos noturno e vespertino) e da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ribeirão Preto; e Exatas, representada pela Engenharia da Escola Politécnica (POLI) e da Escola de Engenharia de São Carlos.

Para verificar eventuais mudanças ao longo de alguns anos, estudamos os questionários de 2007, 2008 e 2009 disponíveis no início da pesquisa.

Foram selecionadas algumas perguntas consideradas importantes para as questões que procuramos responder, e que foram agrupadas em:

- a. Características pessoais: idade, sexo, cor, estado civil;
- b. Contexto intelectual/cultural: onde faz seus estudos (escola pública ou particular); que tipo de ensino realizou: comum (regular), técnico, magistério ou outros; período em que realizou o Ensino Médio (integral, matutino, vespertino, noturno); se fez cursinho; quantos vestibulares prestou; se já começou outro Ensino Superior; grau de instrução do pai e da mãe; se acessa a internet;
- c. Contexto econômico: renda e quantas pessoas contribuem e quantas são sustentadas pela renda familiar; quantos carros, microcomputadores existem na casa; situação profissional do pai e da mãe; condições para frequentar o curso; como pretende se manter e se exerce atividade remunerada.

Resultados

A análise preliminar dos dados obtidos a partir dos questionários do manual da FUVEST dos anos de 2007, 2008 e 2009, respondidos pelos estudantes aprovados, indicou semelhanças e diferenças importantes entre os cursos e entre as turmas avaliadas.

Como forma de organizar as informações obtidas, apresentaremos primeiramente as informações obtidas dos diferentes cursos (Engenharia, Odontologia e Pedagogia), a fim de se tentar traçar um perfil de estudante para cada carreira. Inspirados no trabalho de Setton (1999), as características foram agrupadas em três categorias: (a) características pessoais, (b) contexto cultural e intelectual, e (c) contexto econômico. As tabelas a seguir mostram as respostas mais dadas pelos estudantes que responderam ao questionário. As porcentagens obtidas se referem às médias de respostas para os anos considerados nessa pesquisa.

Tabela 1 – Características pessoais, contexto cultural e intelectual, contexto econômico de alunos ingressantes nos cursos de Engenharia na Poli e em São Carlos. Estão representados os itens com maior porcentagem de respostas

	POLI	%	São Carlos	%
Características Pessoais	17 e 18 anos	40,5 e 31,8	17, 18	36,8 e 33,9
	Masculino	95,4	Masculino	90,8
	Solteiro	98,3	Solteiro	98,9
	Branco	73,3	Branco	77,5
Contexto cultural e intelectual	Ensino Fundamental Particular	64,9	Ensino Fundamental Particular	51,0
	Ensino Médio Regular	90,0	Ensino Médio Regular	91,8
	Ensino Médio Particular	68,5	Ensino Médio Particular	66,7
	Ensino Médio Diurno	77,4	Ensino Médio Diurno	76,4
	Primeiro vestibular da FUVEST	66,3	Primeiro vestibular da FUVEST	67,9
	Não fez cursinho	43,5	Não fez cursinho	46,5
	Primeiro curso superior anterior	91,3	Primeiro curso superior anterior	92,9
	Pai: Ensino Superior	46,0	Pai: Ensino Superior	41,0
	Mãe: Ensino Superior	47,2	Mãe: Ensino Superior	43,6
	Acesso à Internet: frequente	70,4	Acesso à Internet: frequente	69,7
Não usou Inclusp ⁴	74,1	Não usou Inclusp	73,5	

4 Programa de Inclusão Social da USP.

	POLI	%	São Carlos	%
Contexto Econômico	Pai: Funcionário Empresa Privada	32,8	Pai: Funcionário Empresa Privada	30,8
	Mãe: Sem renda	25,3	Mãe: Sem renda	24,8
	Renda Familiar (3 a 14 SM ⁵)	60,2	Renda Familiar (3 a 14 SM)	69,2
	2 pessoas contribuem para a renda	52,1	2 pessoas contribuem para a renda	54,2
	4 pessoas sustentadas	45,5	4 pessoas sustentadas	47,2
	Não trabalha	85,3	Não trabalha	85,6
	Trabalho e ajuda dos pais	72,9	Trabalho e ajuda dos pais	71,1
	1 carro	41,5	1 carro	45,2
	1 computador	58,7	1 computador	63,8

Os estudantes de Engenharia da Escola Politécnica e de São Carlos constituem o grupo mais homogêneo desta pesquisa (Tabela 1). As diferenças encontradas são pouco significativas, de modo que o perfil do estudante pode ser considerado o mesmo. Destacando as características pessoais dos estudantes de Engenharia, verifica-se que têm entre 17 (38,6%) e 18 anos (32,8%), com predomínio do sexo masculino (82,3%), são solteiros (98,1%) e se autodenominam brancos (74,8%).

Quanto ao contexto cultural/intelectual, constata-se que a formação escolar desses estudantes foi realizada principalmente em escolas particulares, tanto no Ensino Fundamental (57,7%), quanto no Ensino Médio (90,5%), no período diurno (76,5 %). Esses estudantes não usaram o Inclusp (73,8%), sendo esse o primeiro vestibular da FUVEST para a maioria dos estudantes (66,7%). Cerca de 44,6% dos estudantes não fez cursinho, enquanto que 24,8% dos estudantes fizeram cursinho por um período entre um semestre e um ano. Para a maioria dos estudantes (91,5%), este é o primeiro curso de graduação. Os pais desses estudantes têm nível superior (43%) ou nível médio (20,9%); as mães também têm nível superior (45,2%) ou nível médio (24,3%). A maioria dos estudantes acessa frequentemente a internet (68,7%).

5 Salário Mínimo

São filhos de funcionários de empresas privadas (31,3%) ou de profissionais liberais (18,6%) ou, ainda, empresários de pequenas e médias empresas (17,6%); e de donas-de-casa (24,8%) ou de funcionárias de empresas privadas (18,4%) ou, ainda, de funcionárias públicas (15,3%). A renda familiar dos estudantes varia bastante, concentrando-se principalmente na faixa entre três e cinco salários mínimos; e é composta pela renda de duas ou uma pessoa. As famílias são constituídas, em geral, por quatro pessoas, sustentadas por essa renda familiar; possuem um carro (43,4%) ou dois carros (32,7%); têm um computador em casa (61,3%). A maioria dos estudantes de Engenharia não exerce atividade remunerada (85,5%) e pretende se manter com o apoio dos pais (37,3%) ou com trabalho e apoio dos pais (34,7%).

Tabela 2 – Características pessoais, contexto cultura e intelectual, contexto econômico de alunos ingressantes nos cursos de Odontologia Integral, Noturno (campus da capital), Bauru e Ribeirão Preto. Estão apresentados os itens com maior porcentagem de respostas.

	Integral	%	Noturno	%	Bauru	%	Ribeirão Preto	%
Características pessoais	17,18 anos	33,3 e 30,8	18, 17, mais de 22 anos	18,9 e 19,3	18, 17 anos	30,1 e 33,9	18, 17 anos	30,2 e 32,6
	Feminino	75,0	Feminino	71,4	Feminino	69,8	Feminino	69,0
	Solteira	97,9	Solteira	90,4	Solteira	98,6	Solteira	98,2
	Branca	74,9	Branca	68,8	Branca	82,5	Branca	86,7
Contexto cultural/ intelectual	EF Particular	54,7	EF Público	62,0	EF Particular	52,5	EF Particular	46,0
	EM Regular	94,3	EM Regular	82,0	EM Regular	96,3	EM Regular	96,3
	EM Particular	66,8	EM Público	55,2	EM Particular	75,3	EM Particular	73,1
	Diurno	82,4	Diurno	58,8	Diurno	82,2	Diurno	84,5
	Primeiro vestibular	60,2	Primeiro vestibular	53,8	Primeiro vestibular	59,5	Primeiro vestibular	57,1
	Não fez cursinho	36,1	Não fez cursinho	36,8	Não fez cursinho	39,1	Não fez cursino	38,0
	Primeiro curso superior	92,1	Primeiro curso superior	79,7	Primeiro curso superior	93,9	Primeiro curso superior	95,0
	Pai: Ensino Superior	41,7	Pai: Ensino Superior	24,2	Pai: Ensino Superior	47,8	Pai: Ensino Superior	44,3
	Mãe: Ensino Superior	41,9	Mãe: Ensino Médio	20,6	Mãe: Ensino Superior	47,4	Mãe: Ensino Superior	44,9
	Acesso à internet: frequente	62,5	Acesso à internet: frequente	48,3	Acesso à internet: frequente	64,1	Acesso à internet: frequente	64,7
Contexto econômico	Não usou Includsp	73,8	Usou o Includsp	55	Não usou Includsp	82,2	Não usou o Includsp	81,1
	Pai: Func. Emp. Privada	27,7	Pai: Func. Emp. Privada	25,-	Pai: Prof. Liberal	30,3	Pai: Prof Liberal	31,4
	Mãe: Sem renda	26,0	Mãe: Sem renda	26,6	Mãe: Sem renda	19,6	Mãe: Sem renda	23,0
	3 a 14 SM	70,7	1 a 5 SM	78,5	3 a 14 SM	72,8	3 a 14 SM	76,7
	2 pessoas contribuem para a renda	51,1	2 pessoas contribuem para a renda	44,0	2 pessoas contribuem para a renda	58,5	2 pessoas contribuem para a renda	56,8
	4 pessoas sustentadas	45,9	4 pessoas sustentadas	36,6	4 pessoas sustentadas	46,0	4 pessoas sustentadas	46,4
	Não trabalha	88,5	Não trabalha	55,7	Não trabalha	91,8	Não trabalha	93,3
	Ajuda dos pais	41,3	Trabalho e Pais	30,7	Ajuda dos pais	56,0	Ajuda dos pais	54,1
	1 carro	47,4	1 carro	42,8	1 carro	45,6	1 carro	46,8
	1 computador	66,4	1 computador	58,4	1 computador	69,4	1 computador	69,7

Os estudantes dos cursos de Odontologia apresentaram semelhanças e diferenças importantes (Tabela 2). De modo geral, pode-se dizer que os estudantes do curso integral do campus da capital têm perfil semelhante aos estudantes dos cursos de Bauru e de Ribeirão Preto. Os estudantes do curso noturno apresentam características diferentes dos demais cursos. Estes apresentam condições culturais, intelectuais e econômicas menos privilegiadas, quando comparados aos demais cursos dessa carreira.

Algumas características são comuns a todos: a maioria dos estudantes é do sexo feminino (71,3%), solteiros (96,3%), e se autodenominam brancos (78,2%), sendo o curso que apresentou a maior porcentagem de alunos que se autodenominam amarelos (6,5%).

Em relação às outras características, podemos perceber dois perfis distintos para os estudantes de Odontologia. O primeiro perfil, que inclui o curso Integral, de Bauru e de Ribeirão Preto, apresenta semelhanças em relação ao curso de Engenharia, indica um estudante entre 17 (31,2%) e 18 anos (32,4%), com formação principalmente em escolas particulares, tanto para o Ensino Fundamental (53,4%), quanto para o Ensino Médio (71,7%), no período diurno parcial (83,0%). Esses alunos não usaram o Inclusp (79,0%), sendo essa a primeira vez que prestam o vestibular da FUVEST (58,9%). Desses estudantes, 37,7% não fizeram cursinho e 26,1% frequentaram cursos pré-vestibulares por um período de um semestre a um ano. Para quase todos os estudantes desses cursos (93,7%) essa é a primeira graduação. Os pais têm principalmente nível superior (44,6%) ou nível médio de ensino (20,8%); suas mães apresentam nível superior (44,7%) ou nível médio (24,1%). A maioria acessa frequentemente a internet (63,8%). São filhos de profissionais liberais (29,5%) ou de funcionários de empresas privadas (24,1%), ou ainda, de empresários de pequenas/médias empresas (15,8%); e de donas-de-casa (22,9%) ou de profissionais liberais (17,6%), ou ainda, de funcionárias públicas (16,6%). A renda familiar dos estudantes varia bastante, mas pode-se dizer que se concentra entre três a 10 salários mínimos (52,1%); e é composta pela renda de duas pessoas (55,5%). As famílias são constituídas por, em geral, quatro pessoas (46,1%); possuem um carro (46,6%) ou dois (33,2%); têm um computador em casa (68,5%). A maioria dos estudantes desses cursos (91,2%) não exerce atividade remunerada e pretende se manter com o apoio dos pais (50,5%) ou com trabalho e apoio da família (27,3%).

O segundo perfil é formado pelos estudantes do curso noturno do campus da capital, e apresenta semelhanças com o curso de Pedagogia, como será apresentado posteriormente. Nesse curso, os alunos apresentam distribuição etária variada, onde 18,9% dos estudantes têm 17 anos; 19,3%, 18 anos; e 34,4%,

mais de 22 anos. Quanto ao estado civil, apesar de a maioria ser solteira, 7,0% dos estudantes são casados, 1,2% separados – porcentagens que se destacam dentre os estudantes de Odontologia. A maioria se autodenomina de cor branca (68,8%), mas há uma parcela expressiva, quando comparado com os demais cursos de Odontologia, que se autodenomina parda (20,9%) e preta (5,0%).

O contexto cultural/intelectual dos estudantes desse curso é distinto daquele apresentado anteriormente: a maioria estudou em escolas públicas, tanto para o Ensino Fundamental (62,0%), quanto para o Ensino Médio (57,4%), principalmente no diurno (58,8%), mas com uma parcela importante de estudantes que estudaram no período noturno (17,0%). Um pouco mais da metade desses estudantes usou os dados do Inclusp (55,0%), sendo este o primeiro vestibular da FUVEST para 53,8%, e pelo menos o terceiro vestibular para 14,7% deles. Não fizeram cursinho 36,8% dos estudantes, 23,7% fizeram de um semestre a um ano, e 11,4%, menos de um semestre. Para 79,7% este é o primeiro curso de graduação, 8,3% abandonaram outro curso, e 6,2% já concluíram outra graduação. Os pais desses estudantes têm principalmente nível superior (24,2%), ou nível médio (22,9%), ou ainda, nível fundamental I incompleto (15,6%); as mães têm principalmente nível médio (26,8%), ou nível universitário (20,6%), ou ainda, nível fundamental I incompleto (16,3%). Esses estudantes acessam a internet frequentemente (48,3%) ou às vezes (46,6%).

São filhos de funcionários de empresas privadas (25,0%), ou de profissionais liberais (17,8%), ou ainda, de *outra* forma de renda (16,4%); e de donas-de-casa (26,6%), ou de funcionárias de empresas privadas (17,5%) ou de *outra* forma de renda (18,7%). A renda familiar se concentra na faixa entre um a sete salários mínimos (75,1%); e é composta por duas (44,0%) ou uma pessoa (38,4%). As famílias são constituídas por quatro (36,6%) ou três pessoas (20,9%); possuem um (42,8%) ou nenhum carro (39,2%); têm um (58,4%) ou nenhum computador em casa (29,2%). Desses estudantes, 55,7% não exercem atividade remunerada, e 25% trabalham em tempo integral. Durante a graduação, pretendem se manter através de trabalho e apoio da família (30,7%), ou com bolsa, trabalho e apoio da família (21,1%), ou ainda, por conta (18,3%).

Os estudantes do curso de Pedagogia são os que apresentam perfil menos favorecido econômica e cultural/intelectualmente (Tabela 3). De modo geral, parece haver mais semelhanças entre os cursos vespertino da USP e de Ribeirão Preto, e menos com o curso noturno.

Os alunos têm mais de 22 anos (36,6%). Destaca-se o curso noturno, onde 50,4% dos estudantes estão nessa faixa etária. O curso vespertino é o que apresenta um equilíbrio entre os estudantes com 17 anos (24,3%) e com mais de 26 (23,9%). Há o predomínio do sexo feminino (90,8%) e o curso

noturno é o que apresenta maior porcentagem de alunos do sexo masculino (11,6%, contra 8% nos demais cursos). A maioria dos estudantes de Pedagogia é solteira (85,2%); porém, é o curso que apresenta maior porcentagem de casados (10,3%). Em geral, se autodenominam brancos (63,1%), mas há expressiva porcentagem de pretos (9,6%) e de pardos (23,6%), principalmente nos cursos da capital.

Cursaram escolas públicas, tanto no Ensino Fundamental (64%) quanto no Ensino Médio (68,9%), em cursos regulares (85,9%), no período diurno, destacando-se o curso de Ribeirão Preto (71,1%) – na capital, frequentaram o curso diurno, 53% dos estudantes. Os demais frequentaram, principalmente, o curso noturno (22,4%). São os que mais utilizaram os dados do Inclusp (67,7%), sendo este o primeiro vestibular da FUVEST para 62,1% desses estudantes. Em média, 47% não fizeram cursinho, sendo que 18,4% fizeram pelo período de um semestre a um ano. Para a maioria (81,5%) este é o primeiro curso de graduação – no curso noturno, destacam-se 9,4% dos alunos que já concluíram e 8,1% que abandonaram outro curso de graduação. Os pais apresentam, principalmente, nível fundamental I incompleto (24,8%) ou nível médio (19,7%); e as mães, nível médio (23,3%) ou nível fundamental I incompleto (21,8%). Acessam a internet às vezes (46,9%) ou frequentemente (40,7%).

São filhos de funcionários de empresa privada (24,2%) ou de pais com outras atividades profissionais não listadas no questionário (18,9%); e de donas-de-casa (29,4%) ou de mães com outras atividades profissionais (18,6%). A renda familiar é de um a cinco salários mínimos (67,9%), sendo composta pela renda de uma (44,8%) ou duas pessoas (41,1%). As famílias são constituídas, em geral, por quatro (35,7%) ou cinco pessoas (20,7%). Os estudantes da capital ou não possuem carros (50,3%) ou possuem apenas um (36,1%); para Ribeirão Preto, a situação se inverte: possuem um carro 52,2% dos estudantes, e não possuem 31,2% deles. Quanto aos computadores, 55,6% possuem um computador e 36,1% não possuem computadores em casa. Nos cursos vespertinos da capital e de Ribeirão Preto, a maioria dos estudantes não exerce atividade remunerada (68,6%), enquanto que no curso noturno, são apenas 47,5%. Destes, 30,3% trabalham em tempo integral, enquanto que 14% dos demais cursos exercem esse tipo de atividade profissional. Os estudantes pretendem se manter durante a graduação através de trabalho e apoio da família (29,2%), ou através da combinação entre bolsa de estudo, trabalho e apoio da família (21,4%).

Tabela 3 – Características pessoais, contexto cultura e intelectual, contexto econômico de alunos ingressantes nos cursos de Pedagogia Noturno e Vespertino (campus da capital) e Ribeirão Preto. Estão representados os itens com maiores porcentagens de respostas.

	Noturno	%	Vespertino	%	Ribeirão Preto	%
Características pessoais	Mais de 22 e 18 anos	50,4 e 15,1	Mais de 22 e 17 anos	34,1 e 20,5	Mais de 22 e 18 anos	25,4 e 26,3
	Feminino	88,4	Feminino	93,0	Feminino	91,0
	Solteira	80,6	Solteira	82,5	Solteira	92,6
	Branca	58,0	Branca	59,1	Branca	72,2
Contexto cultural / intelectual	EF Público	69,8	EF Público	58,6	EF Público	64,6
	EM Regular	82,7	EM Regular	84,3	EM Regular	91,2
	EM Público	75,0	EM Público	64,6	EM Público	65,9
	EM Diurno	46,7	EM Diurno	59,2	EM Diurno	71,1
	Primeiro vestibular	57,3	Primeiro vestibular	67,4	Primeiro vestibular	61,6
	Não fez cursinho	48,4	Não fez cursinho	50,0	Não fez cursinho	42,8
	Primeiro curso superior	75,3	Primeiro curso superior	84,0	Primeiro curso superior	85,3
	Pai: Fund I incompleto	28,9	Pai: Fund I incompleto	24,9	Pai: Ensino Médio	24,9
	Mãe: Fund I incompleto	25,3	Mãe: Fund I incompleto	22,5	Mãe: Ensino Médio	29,1
	Acessa internet às vezes	48,3	Acessa internet às vezes	46,0	Acessa internet às vezes	46,5
Usou Inclusp	74,4	Usou Inclusp	64,7	Usou Inclusp	63,8	
Contexto econômico	Pai: Outra (situação profissional)	22,1	Pai: Funcionário Emp. Privada	24,8	Pai: Funcionário Emp. Privada	27,4
	Mãe: Sem renda	29,8	Mãe: Sem renda	28,7	Mãe: Sem renda	29,6
	Renda familiar: 1 a 5 SM	67,9	Renda familiar: 1 a 5 SM	61,7	Renda familiar: 1 a 5 SM	74,1
	1 pessoa contribui para a renda	44,1	1 pessoa contribui para a renda	47,9	2 pessoas contribuem para a renda	44,0
	4 pessoas sustentadas	31,6	4 pessoas sustentadas	35,2	4 pessoas sustentadas	40,2
	Não trabalha	47,5	Não trabalha	69,2	Não trabalha	68,0
	Trabalho e família	24,2	Trabalho e família	32,8	Trabalho e família	30,6
	Nenhum carro	55,5	Nenhum carro	45,1	1 carro	52,2
1 computador	51,8	1 computador	54,4	1 computador	60,5	

Considerações

É desde meados dos anos de 1990 que se observa, na América Latina, o aumento do acesso ao Ensino Superior em decorrência de certos avanços no ensino secundário (EZCURRA, 2009). A ampliação do acesso evidenciou o baixo capital cultural desses estudantes (entendido como perfil cognitivo) o que tem exigido, desde então, maior investimento na educação para garantir sua permanência e a formação de profissionais de qualidade.

Tinto (2006) destaca que programas de combate a evasão bem-sucedidos são centrados mais na aprendizagem que no ensino, na participação ativa dos estudantes nas experiências cotidianas acadêmicas, especialmente durante o primeiro ano. O mesmo autor aponta, ainda, que quando se trata de alunos trabalhadores, matriculados em cursos de meio período, a aula é o único lugar onde estes estudantes se encontram com seus pares e com os docentes. Por isso, a aula se torna o momento decisivo para a permanência desses alunos na Universidade. Enquanto as aulas parecerem pouco atraentes, onde os alunos permanecem isolados uns dos outros, passivos, e os conteúdos tratados se apresentam dissociados, com ênfase no acúmulo de conhecimentos, o que se obtém é a fragmentação acadêmica e social. Verifica-se, então, o papel primordial de docentes e da aula na experiência dos alunos recém-ingressados.

Por outro lado, a atratividade da carreira, as perspectivas profissionais, a concorrência nos vestibulares, acabam reforçando as diferenças sociais, ao invés de combatê-las. Segundo Schwartzman e Castro (1992), os dados da FUVEST em 1991 mostravam que o recrutamento de alunos para a Universidade era altamente seletivo em termos sócio-econômicos, o que sugeria um efeito não desejado de concentração de riquezas e oportunidades.

Frente ao que foi apresentado, parece haver uma tendência à homogeneização e idealização do estudante que acessa o Ensino Superior, para qualquer instituição de ensino. É possível que encontremos em diferentes contextos alunos X, Y e Z, de instituições X, Y e Z, como se o processo de seleção, seja ele qual for, pudesse igualar as diferenças cognitivas, sociais, econômicas e culturais entre os indivíduos – tanto para níveis mais elevados quanto para níveis mais baixos. É compreensível que haja necessidade de selecionar estudantes que tenham habilidades e competências para acompanhar os cursos de graduação e se profissionalizar. No entanto, a expansão do Ensino Superior expôs o déficit de aprendizagem no nível básico. Não se trata de criticar ou analisar o ensino no nível básico, mas de compreender que os jovens têm direito à educação de qualidade e a sociedade conta com a formação de profissionais que atendam às suas necessidades.

Mesmo Instituições de Ensino Superior concorridas, como a Universidade de São Paulo, apresentam população estudantil diversificada e que precisa ser reconhecida como tal. O uso indiscriminado da expressão *aluno USP* deve ser considerado no contexto atual da educação superior brasileira. É notória a cobrança da sociedade sobre os resultados obtidos pela Universidade nos *rankings* internacionais, quando o assunto é a produção científica e tecnológica, para um país emergente como o Brasil.

A partir dos dados apresentados no presente trabalho algumas considerações preliminares podem ser destacadas em relação aos estudantes da USP:

- a. os alunos de Engenharia da Poli e de São Carlos são os mais *homogêneos* entre si e apresentam condição cultural e econômica mais favorecida que os estudantes dos demais cursos avaliados;
- b. os estudantes da Pedagogia são os que apresentam capital cultural e socioeconômico menos favorecido, tanto no campus da capital quanto do interior. Dentre os estudantes de Pedagogia, os do interior apresentam melhores condições socioeconômicas e culturais;
- c. os estudantes de Odontologia do curso integral da capital são mais semelhantes aos de Bauru e de Ribeirão Preto, e apresentam condições culturais e socioeconômicas mais favorecidas, semelhante ao apresentado pelos alunos de Engenharia. Os estudantes de Odontologia do noturno apresentam condições socioeconômicas e culturais menos favorecidas, e muito semelhantes às condições apresentadas pelos estudantes de Pedagogia.

Desse modo, falar da existência de um perfil único para o estudante da USP é ignorar a diversidade da população discente, reforçar estereótipos e não considerar os avanços do acesso ao Ensino Superior público.

No curso de Odontologia, por exemplo, cabe destacar as diferenças apontadas pelas informações dos questionários. Apesar de ser um curso com boa atratividade profissional, de alta concorrência, verifica-se que os estudantes do curso noturno, com características semelhantes aos estudantes do curso de Pedagogia, apresentam diferenças em relação à disponibilidade para usufruir os equipamentos da Universidade. Assim sendo, é importante considerar que muitos estudantes trabalhadores não terão as mesmas condições de usufruto de bibliotecas, museus, atividades culturais e extracurriculares que os estudantes do período integral.

Ressaltamos que não se trata de adquirir novas técnicas de ensino, mas de assumir uma postura reflexiva em relação ao ensino e à aprendizagem nos cursos de graduação (BIGGS, 2005). Conhecer os estudantes e suas expectativas, relacionar essas informações com os objetivos dos cursos de graduação, pode orientar a (re)formulação dos currículos, auxiliar a busca de estratégias de ensino, pensar em atividades que promovam um aprendizado

profundo, possibilitar que os alunos busquem novos conhecimentos e, assim, motivá-los a usufruir com mais intensidade a Universidade, nos moldes em que foi concebida.

Por fim, o uso de estereótipos simplifica e deturpa a relação entre discentes, docentes e a Universidade, pois responsabiliza apenas os alunos pela sua formação, encobrindo as deficiências dos cursos, a incapacidade de se promover a integração do conhecimento e promove a ideia de que a aprendizagem superficial é suficiente para a formação de bons profissionais, pesquisadores e/ou professores. É preciso romper com esse paradigma, se desejamos para o futuro uma sociedade mais justa.

Referências

ALMEIDA, W. M. de. **USP para todos?** Estudantes com desvantagens socioeconômicas e educacionais e fruição da universidade pública. São Paulo: Musa Editora, 2009.

BERNARDO, M. V. C.; WODEWOTZKI, T. T. U.; D'AQUINO, T. (Org.). **O ensino noturno da UNESP**. São Paulo: UNESP/ Pró-Reitoria de Graduação, 1996.

BIGGS, J. **Calidad de aprendizaje universitario**. Madrid: Narcea S. A. de Ediciones, 2005.

BRAGA, M. M.; MIRANDA-PINTO, C. O. B. de; CARDEAL, Z. de L. Perfil sócio-econômico dos alunos, repetência e evasão no curso de química da UFMG. **Revista Química Nova**, SBQ, São Paulo, v. 20, n. 4, p. 438-444, 1997.

CORRÊA, A. K.; SOUZA, M. C. B. de M. ; SANTOS, R. A. dos; CLAPIS, M. J.; GRANVILE, N. C. Perfil de estudantes ingressantes em licenciatura: Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo. **Revista da Escola de Enfermagem**, Ribeirão Preto, USP, v. 45, n. 4, 2011.

EVOLUÇÃO do salário mínimo. Disponível em: <<http://portal.mte.gov.br/data/files/8A7C812D2E7318C8012F2747672B6449/EVOLEISM2011.pdf>>. Acesso em: 5 mar. 2012.

EZCURRA, A. M. Os estudantes recém-ingressados: democratização e responsabilidade das instituições universitárias. In: PIMENTA, S. G.; ALMEIDA, M. I. (Org.). **Pedagogia universitária**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009. p. 91-127.

KRASILCHIK, M. Docência no Ensino Superior: tensões e mudanças. In: PIMENTA, Selma Garrido; ALMEIDA, Maria Isabel. (Org.). **Pedagogia universitária**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009. p. 231-240.

McKENZIE, K.; SCHWEITZER, R. D. Who succeeds at university? Factors predicting academic performance in first year Australian university students. **Higher Education Research & Development**, Brisbane, 20, p. 21-33, 2001. Disponível em: <<http://eprints.qut.edu.au/56040/1/56040.pdf>>. Acesso em: 17 dez. 2013.

SAMPAIO, B. et al. Desempenho no vestibular, *background* familiar e evasão: evidências da UFPE. **Economia Aplicada**, São Paulo, USP, São Paulo, v. 15, n. 2, p. 287-309, jun. 2011. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/ecoa/article/view/1068>>. Acesso em: 17 dez. 2013.

SCHWARTZMAN, S.; CASTRO, M. H. M. **Carreiras universitárias na USP**. Núcleo de Pesquisas sobre Ensino Superior da USP, com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa de São Paulo (FAPESP), São Paulo: NUPES, 1992. (Documento de Trabalho)

SETTON, M. da G. J. A divisão interna do campo universitário: uma tentativa de classificação. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, INEP, Brasília, DF, v. 80, n. 196, p. 451-471, set./dez. 1999.

TINTO, V. Research and practice of student retention: what next? **Journal of College Student Retention**, Bedford, NH-USA, v. 8, n. 1, p. 1-19, 2006.

Recebimento em: 08/08/2012.

Aceite em: 10/03/2013.